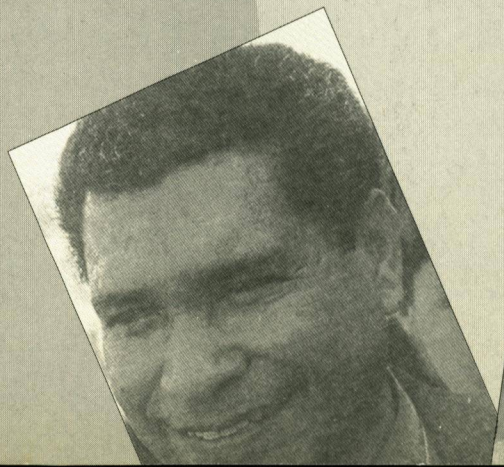
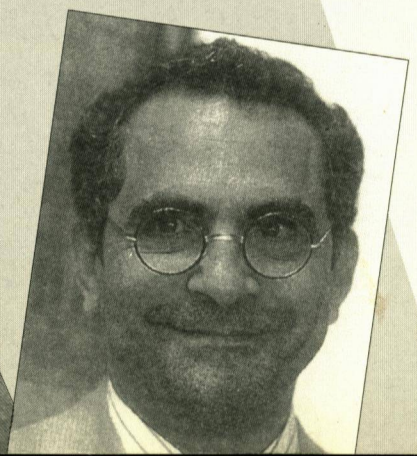
TL 5989

PRÉMIO NOBEL DA PAZ

1996

Pelos direitos do Povo de Timor





D. XIMENES BELO

JOSÉ RAMOS-HORTA

O Prémio Nobel da Paz de 1996 foi atribuído ao bispo de Dili, D. Ximenes Belo, e ao representante da Resistência Timorense no exterior, José Ramos-Horta.

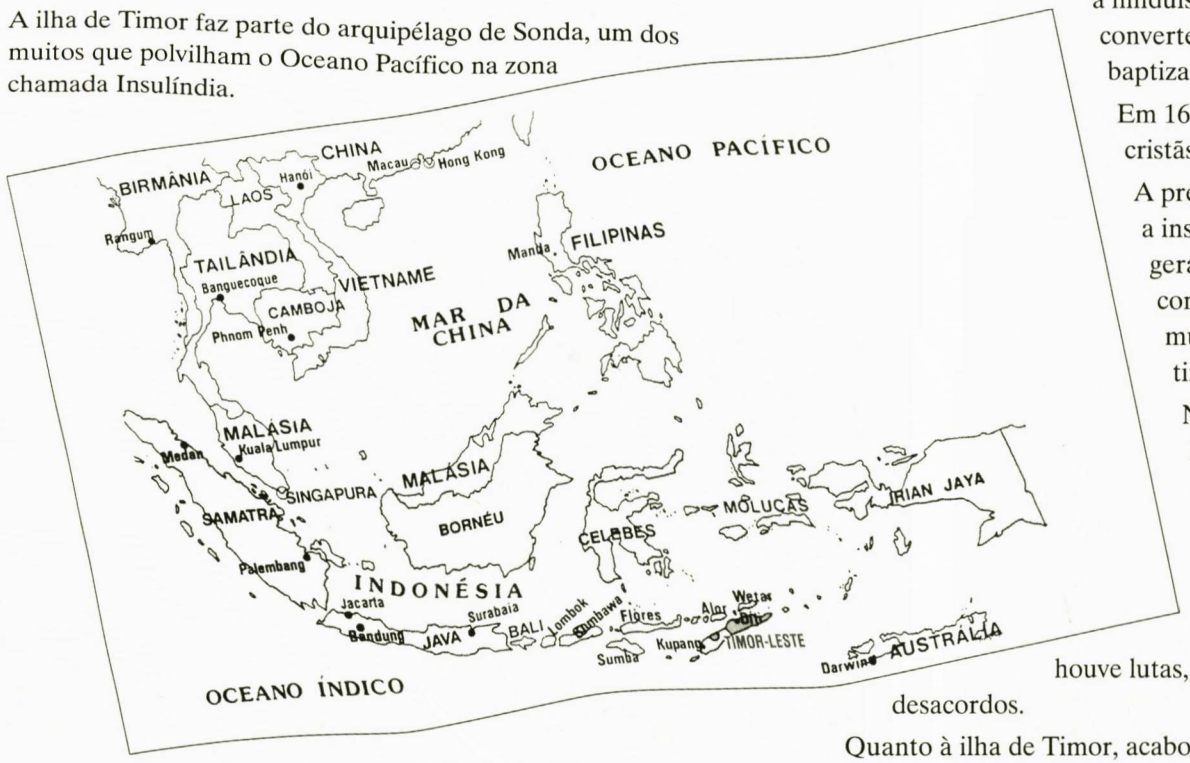
Este prémio contém uma mensagem clara: **o mundo tem obrigação de reconhecer e defender os direitos do povo de Timor Leste**.

Os portugueses exultaram com a atribuição do prémio pois os laços de afecto que unem os dois povos são antigos de séculos. No entanto, para compreender plenamente a justiça e a força desta mensagem é importante aprofundar a questão timorense.

Por que sofre o povo de Timor? Por que motivo luta há mais de vinte anos?

ONDE FICA TIMOR?

A ilha de Timor faz parte do arquipélago de Sonda, um dos muitos que polvilham o Oceano Pacífico na zona chamada Insulíndia.



Mapa da Insulíndia

TIMOR E PORTUGAL

A ilha de Timor, habitada desde a Pré-História e muito visitada por povos vizinhos, acolheu navios portugueses a partir de 1514. De ínicio os navegadores limitavam-se a ancorar para efectuarem trocas comerciais. Levavam sobretudo tecidos, armas e ferramentas a fim de obterem madeira de sândalo.

Os primeiros portugueses que se instalaram para ficar eram missiorários. Vinham de longe na intenção de espalhar a fé cristã e foram bem aceites pelas populações locais.

Os timorenses acreditavam num único deus, *Marômac*, que significa *o Brilhante*. Prestavam culto aos espíritos dos antepassados e aos *lúlic*, objectos naturais ou artificiais a que atribuíam poderes. Tinham resistido à influência de outras religiões, como a hinduísta e a muçulmana, mas muitos converteram-se ao cristianismo e baptizaram-se.

Em 1640 já havia vinte e duas igrejas cristãs em Timor.

A presença dos missionários encorajou a instalação de outros portugueses, geralmente comerciantes, que constituíam família casando com mulheres timorenses de quem tinham filhos.

No final do século XVI, os holandeses começaram a impor o seu domínio pelos arquipélagos da Insulíndia, disputando o comércio do Oriente aos portugueses. Estalaram conflitos na terra e no mar, houve lutas, tratados de paz, acordos e desacordos.

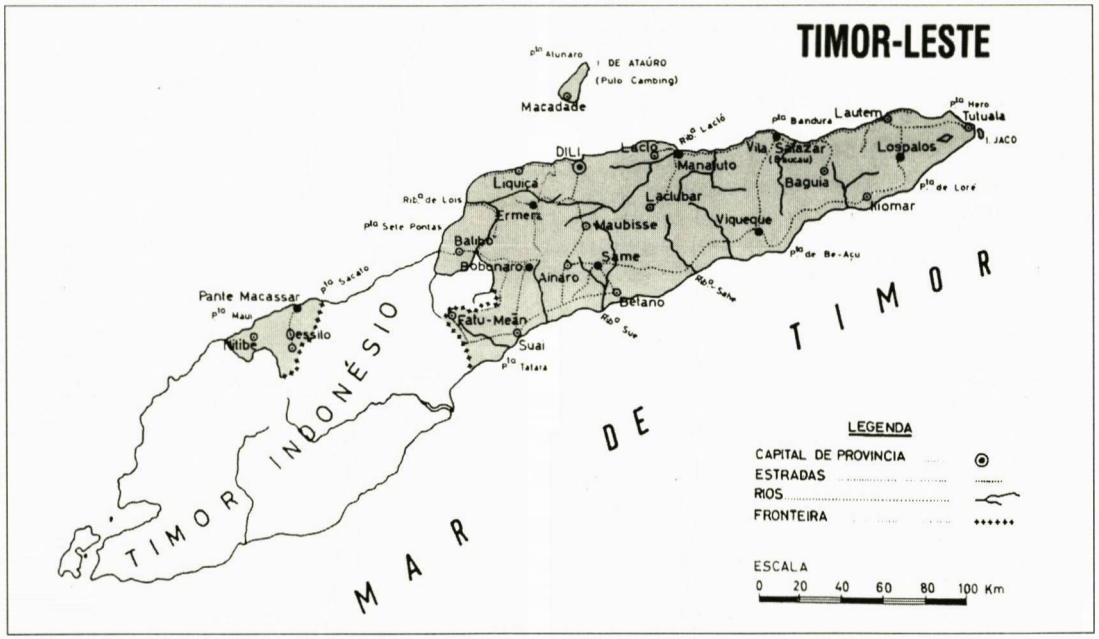
Quanto à ilha de Timor, acabou por ficar sujeita a duas esferas de influência comercial: holandesa a oeste, portuguesa a leste.

Durante algum tempo, quem impediu os holandeses de se expandirem por toda a ilha foram aventureiros portugueses que

se tinham instalado na zona e contavam com o apoio de chefes locais.

Só mais tarde, já no século XVIII, é que chegaram governadores enviados em nome do rei de Portugal. Estes governadores estabeleceram boas relações com a população, envolveram os chefes timorenses na organização do governo e assim a metade leste da ilha passou a fazer parte das colónias portuguesas bem como o ilhéu de Ataúro e o enclave de Oé-Cussi.

A metade oeste foi integrada nas colónias holandesas.



UM CONVÍVIO PACIFICO E AMISTOSO

De uma maneira geral, os portugueses e os timorenses entenderam-se bem. E do convívio resultaram trocas enriquecedoras a todos os níveis.

Os portugueses levaram para Timor plantas e animais que se ambientaram sem dificuldade, passando a fazer parte da vida quotidiana dos timorenses. Ao lado do búfalo surgiram bois pachorrentos, entre as culturas tradicionais criou-se espaço para o feijão da Europa, o milho da América, a papaia da África, o café da Arábia.

Mas também as plantas timorenses viajaram a bordo dos navios portugueses, para irem florescer noutros sítios como foi o caso da fruta-pão que os navegadores levaram para o Brasil.

Enfim, ao longo dos séculos trocou-se de tudo um pouco: experiências, ideias, hábitos e costumes, palavras...e o número de famílias luso-timorenses foi sempre aumentando. Os casamentos realizavam-se na igreja, de acordo com a tradição vinda de longe. Mas havia outra forma de estabelecer laços de parentesco e essa à maneira da terra: o juramento de sangue, através do qual as pessoas se tornavam irmãs. Esse juramento implicava promessa de amizade e entreajuda para o resto da vida e era transmitido às gerações seguintes.

Na nossa época o poeta português Ruy Cinatti ligou-se por um juramento de sangue aos chefes timorenses Armando Barreto de Ai Assa e Adelino Ximenes de Loré. E traduziu para português as palavras que se diziam nessa cerimónia.

POEMA PACTO DE SANGUE

Nobres há muitos. É verdade.
Verdade. Homens muitos. É muito verdade.
Verdade que com um lenço velho
As nossas mãos foram enlaçadas.

Nós, como aliados eu digo.
Panos, só um, tal qual afirmo.
A lua ilumina o meu feitio.
O sol ilumina o aliado.

Água de Héler! Pelo vaso sagrado!
Nunca esqueça isto o aliado.
Juntos, combater, eu quero!
Com o aliado, derrotar, eu quero!

A lua ilumina o meu feitio.
O sol ilumina o aliado.
Poderemos, talvez, ser derrotados
Ou combatidos, mas somente unidos.

Traduzido por Ruy Cinatti

Não pode deixar de referir-se que a bandeira portuguesa, símbolo de uma nação longínqua, foi considerada *lúlic* pelos timorenses e como tal respeitada a ponto de não lhe pisarem a sombra. Também é engraçado saber que o relacionamento entre os dois povos ganhou tal relevo no imaginário colectivo que se encaixou em algumas das lendas contadas pelos *Lia Na'in*- os tradicionais contadores de histórias timorenses.

LENDAS TIMORENSES
A ORIGEM DA ILHA DE TIMOR

Em tempos que já lá vão, vivia na ilha Celebes um crocodilo muito velho, tão velho que não conseguia caçar peixes no rio. Certo dia apertado pela fome, decidiu aventurar-se nas margens, em busca de algum porco distraído que lhe servisse de refeição. Andou, andou, até cair exausto e desesperado, pois não encontrara nada e perdera as poucas forças que lhe restavam. Como havia de regressar à água? Valeu-lhe um rapaz simpático e robusto que teve pena dele e o arrastou pele cauda.

Em paga do serviço prestado, o crocodilo ofereceu-se para o transportar às costas sempre que quisesse navegar. O rapaz aceitou e fizeram várias viagens juntos.

Isso não impediu no entanto, que sentindo fome de novo, o crocodilo se lembrasse de comer o companheiro. Antes porém quis ouvir a opinião dos outros animais e todos se mostraram indignadíssimos. Devorar quem o salvara? Que ingratidão!

Envergonhado e cheio de remorsos, o crocodilo resolveu partir para longe e recomeçar vida onde ninguém o conhecesse. Como o rapaz era o único amigo que tinha, chamou-o e disse-lhe:

- Vem comigo à procura de um disco de ouro que flutua nas ondas perto do sol nascente. Quando o encontarmos seremos felizes.

Mais uma vez viajaram juntos, agora sulcando o mar que parecia não ter fim ... a certa altura o crocodilo percebeu que não podia continuar. Deteve-se por um instante e logo o corpo se transformou numa ilha magnífica.

O rapaz viu-se homem feito de um momento para o outro e verificou encantado que trazia ao peito o disco de ouro com que sonhara o crocodilo. Percorreu então as praias, as colinas, as montanhas, concluindo que ali realizaria o seu destino. Instalou-se para ficar e deu à ilha o nome de Timor que significa Oriente.

OS ANTEPASSADOS ERAM IRMÃOS

Marômac chamou à sua presença dois casais que eram descendentes do primeiro homem e da primeira mulher. Não lhes disse o que pretendia, mas como lhes ofereceu instrumentos de madeira para cultivarem os campos, eles perceberam que deviam ocupar-se da ilha onde tinham nascido.

Obedeceram à vontade de deus e vieram a dar origem ao povo timorense.

Entretanto Marômac presenteara três outros casais, entregando-lhes papel, lápis, sabão e lenços.

Esses casais eram mais novos e resolveram navegar para longe. Antes de partirem, reuniram com a família toda na montanha, fizeram uma grande festa, comeram galo e beberam vinho. De madrugada entregaram aos irmãos mais velhos um livro e uma bandeira. Depois foram cumprir o seu destino e deram origem ao povo português. Um dia voltaram de barco à vela e como encontraram parte da ilha ocupada pelos holandeses, rumaram a leste, onde se reencontraram com os irmãos. Juntos fundaram a cidade de Dili.

A PARTIDA DOS EUROPEUS

A História da Humanidade é muito complexa e está em permanente mudança. O que hoje se organiza, já está a desorganizar-se amanhã, mesmo sem as pessoas darem por isso, e a realidade transforma-se, às vezes de uma forma suave, outras de uma forma brusca e violenta.

Muitos países que actualmente fazem parte do mapa mundo surgiram porque as colónias se revoltaram e pegaram em armas para se verem livres do domínio europeu. Foi assim, por exemplo, que nasceram os Estados Unidos da América no século XVIII, os países da América do Sul no século XIX e muitos Estados africanos e asiáticos no século XX.

Tal como os outros povos colonizadores, os holandeses viram-se a braços com a revolta das populações que dominavam na Insulíndia, resistiram pela força, mas acabaram por ter que reconhecer a independência dessas colónias. Assim nasceu o país que se chama Indonésia.

As colónias que Portugal mantinha em África também se revoltaram

e seguiram-se vários anos de guerrra. Em 1974, houve uma revolução em Portugal que derrubou a ditadura e instalou a democracia. O novo regime aceitou que as colónias se tornassem independentes.

Em Timor não tinha havido luta pela independência, mas nessa altura formaram-se três partidos políticos que as autoridades portuguesas reconheceram:

· União Democrática Timorense - UDT - defendia uma autonomia progressiva.

· Frente Revolucionária para a Independência de Timor Leste - FRETILIN - exigia a independência imediata.

· Associação Popular Democrática de Timor- APODETI- defendia a integração de Timor Leste na Indonésia.

A esmagadora maioria dos timorenses dividiu-se entre a UDT e a FRETILIN.

Estes períodos de transição geralmente são confusos, porque a autoridade é posta em causa e estalam conflitos que depressa se transformam em luta armada. Foi o que aconteceu em Timor.

Nessa altura o governador português viu-se perante uma situação impossível de resolver. Os timorenses lutavam entre si porque encaravam o seu futuro de maneira diferente. Que papel competia às tropas portuguesas? Lutar ao lado de um partido contra os outros? Reprimi-los a todos pelas armas? Sem condições para restabelecer a paz, o governador ordenou a retirada dos portugueses.

A 28 de Novembro de 1975 a FRETILIN tomou o poder e declarou a independência de Timor. Os partidários da UDT, que entretanto tinham recuado até à fronteira com a Indonésia, recusaram submeter-se à FRETILIN e declaram preferir a anexação ao país vizinho. No dia 7 de Dezembro de 1975 tropas indonésias invadiram o território de Timor Leste por terrra, mar e ar. Bombardearam Dili, ocuparam a cidade e comportaram-se de forma bárbara. Saquearam as casas, roubaram o bloco operatório do hospital, as instalações da rádio e até automóveis que havia na rua. Mas o pior de tudo foi a maneira como trataram as pessoas. Os soldados indonésios escolheram ao acaso vários homens e mulheres entre os timorenses que se encontravam no cais e

fuzilaram-nos em público, pensando que assim ninguém mais lhes faria frente. O mesmo se passou em muitas aldeias do interior da ilha. E pessoas houve que foram levadas de suas casas e atiradas ao mar de helicóptero.

Os militantes da FRETILIN que conseguiram escapar, fugiram para as montanhas e passaram a viver escondidos. Dali organizaram a resistência. E face às atitudes dos indonésios, também os partidários da UDT se revoltaram contra a invasão.

A opressão não teve no entanto o efeito arrrasador que o governo indonésio pretendia, pois os timorenses, apesar de serem em menor número, de não terem armas nem apoios, resistiram e continuam a resistir.

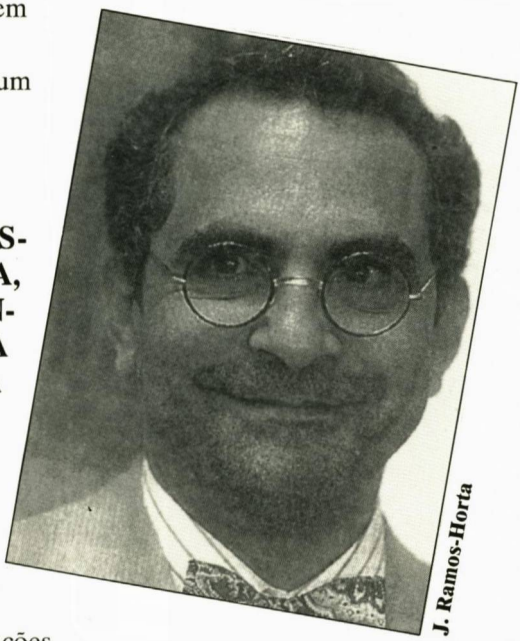
Portugal cortou relações diplomáticas com a Indonésia e apelou imediatamente para a ONU, onde a 22 de Dezembro de 1975 foi aprovada uma resolução exigindo a retirada dos indonésios e reconhecendo o direito de autodeterminação e independência ao povo de Timor Leste. O Conselho de Segurança da ONU considerou que cabia a Portugal administrar aquele território enquanto se desenrolasse o processo de pacificação. Mas a Indonésia não retirou e continuou a massacrar os timorenses com a pior das crueldades. Portugal continuou também sempre a apelar para outros países e para as organizações internacionais, pedindo apoio para a causa dos timorenses. No entanto, só em 1991, quando várias cadeias de televisão difundiram imagens da chacina efectuada no cemitério de Santa Cruz, é que o mundo tomou plena consciência dos horrores que se passavam em Timor.E a partir de então desenvolveram-se iniciativas e conversações que se espera venham a contribuir para a paz e libertação de Timor Leste.

XANANA GUSMÃO, CHEFE E SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA TIMORENSE

O seu nome de baptismo é José Alexandre Gusmão. Nasceu em Laleia, em 1948, estudou no seminário de Dare dirigido por padres jesuítas e no liceu de de Dili. Em 1974 pensava em emigrar para a Austrália com a família, mas quando estalaram os conflitos desistiu do projecto porque considerou que tinha o

dever de participar na construção de Timor independente. Aderiu à FRETILIN. Foi um dos muitos timorenses que não se deixaram intimidar pela terrível repressão indonésia e veio a tornar-se o principal líder da resistência.

Em 1992 foi preso em Dili e levado para Jacarta. Tornou-se um símbolo da luta do povo de Timor.



J. Ramos-Horta

JOSÉ RAMOS-HORTA, REPRESENTANTE DA RESISTÊNCIA TIMORENSE NO EXTERIOR

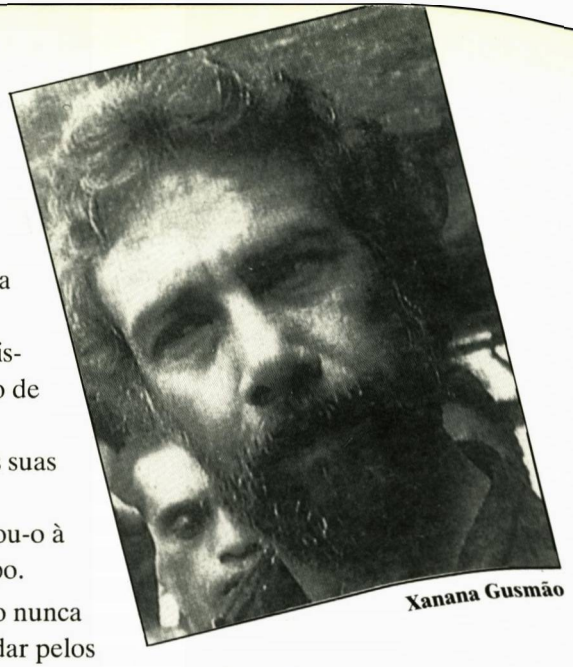
José Ramos-Horta nasceu em Dili, em 1949. Estudou Relações Internacionais, Política e Direito nos Estados Unidos da América, na Holanda e em França.

Saíra de Timor pouco tempo antes da invasão indonésia e a partir de então dedicou a sua vida à causa de Timor por via política e diplomática. Tem percorrido o mundo tentando forçar os países democráticos a tomarem medidas que evitem os massacres e reponham a paz e a liberdade em Timor Leste.

D. XIMENES BELO, ADMINISTRADOR APOSTÓLICO DE DILI

Carlos Filipe Ximenes Belo nasceu em Vialacama em 1948. Ingressou na Escola Salesiana de Ossu, mas veio a concluir os estudos secundários em Portugal. Estudou na Universidade Católica de Lisboa e licenciou-se em Teologia em Roma. No dia 24 de Julho de 1980 foi ordenado sacerdote em Lisboa. No ano

seguinte foi chamado para orientar os noviços salesianos na casa de Fatumaca e em 1983 foi nomeado administrador apostólico de Dili. O papa, reconhecendo as suas extraordinárias qualidades, elevou-o à categoria de bispo.



Xanana Gusmão

D. Ximenes Belo nunca se deixou intimidar pelos indonésios e tomou sempre uma posição firme em defesa do povo de Timor.

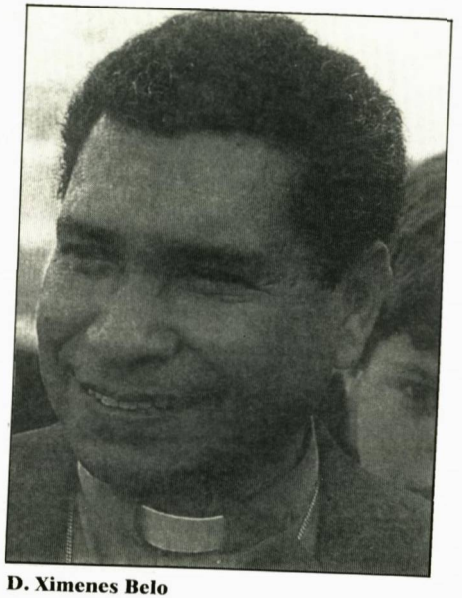
QUEM ERA ALFRED NOBEL

Alfred Nobel nasceu na cidade de Estocolmo em 1833. O pai tinha uma pequena fábrica de produtos químicos e ali deu trabalho aos quatro filhos rapazes. Alfred apaixonou-se pela Química e rapidamente mostrou possuir um extraordinário talento para aquela ciência pois não se limitava a usar fórmulas conhecidas, fazia experiências e invenções. Depois de muito investigar, descobriu um produto novo: a nitroglicerina. Bastava utilizar uma pequena quantidade, para produzir explosões tremendas. Acontece que nessa época as leis suecas proibiam o trabalho com explosivos. Mas como Alfred não estava disposto a abandonar as suas pesquisas, montou outro laboratório numa barcaça que afastou dos olhares indiscretos colocando-a a flutuar no meio de um lago. Foi nesse laboratório que inventou a dinamite.

Alfred Nobel ganhou uma fortuna incalculável com os seus inventos. Mas a consciência de ter contribuído para que as guerras se tornassem mais sangrentas e \mortíferas causou-lhe remorsos. Por isso mesmo redigiu um testamento invulgar: os seus imensos rendimentos passariam a servir para recompensar pessoas que se distinguissem por obras consideradas como benefício para a humanidade.

OS PRÉMIOS NOBEL

O testamento de Alfred Nobel estabeleceu prémios anuais para recompensar quem fizesse descobertas extraordinárias no âmbito da Física, Química e Medicina, e quem se notabilizasse por ter escrito uma obra literária de grande valor.



D. Ximenes Belo

Estabeleceu ainda um quinto prémio destinado a quem contribuisse para a fraternidade entre os povos. Este quinto prémio é o Prémio Nobel da Paz.

A última vontade do cientista foi cumprida e, todos os anos, juris especialmente designados atribuem os prémios Nobel que representam uma consagração mundial para quem os recebe. A partir de 1969 o Banco da Suécia institui também o Prémio Nobel da Economia.

Texto de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

PRÉMIO NOBEL DA PAZ

1996

D. XIMENES BELO

JOSÉ RAMOS-HORTA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Design: Francisco Vicente da Silva
Composição do texto: Adelaide Vaz (DEPGEF)
Impressão: Editorial do ME